

A ILLUSTRAÇÃO

DIRECTOR-PROPRIETARIO : MARIANO PINA

PARIS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO : 13, QUAI VOLTAIRE

Dirigir todos os pedidos de assinaturas e numeros
avulso à em Portugal ao sr. DAVID CORAZZI, 42, RUA
da ATALAYA, LISBOA; e no Brasil, ao dr. JOSÉ DE
MELO, 38, rua da QUITANDA, RIO DE JANEIRO.
Preço de numero à Paris, 1 franc.

7.º ANNO.— VOLUME VII.— N.º 17

PARIS 5 DE SETEMBRO DE 1890

Gerente em Portugal e Brasil : DAVID CORAZZI.

PORTUGAL

DAVID CORAZZI, 42, RUA DA ATALAYA, LISBOA

ASSIGNATURAS :

ANNO.....	2.400 REIS
SEMIESTRE.....	1.200 —
TRIMESTRE.....	600 —
AVULSO.....	100 —



PARIS ARTISTICO. — A SAÍDA DA ESCOLA DE BELLAS-ARTES.



CHRONICA

A QUESTÃO INGLEZA

TEMOS novamente uma questão inglesa, e temos novamente a pezar sobre os destinos de Portugal a pessoa cínzolente de lord Salisbury...

Este lord tomou a peito — em proveito dos Fife da família real inglesa — espollar-nos de tudo quanto possuímos em África. E tanta sorte tem tido em suas aventuras e ladroeiras, que até encontrou em Portugal o sr. Hintze Ribeiro, ministro bastante ingênuo para passar o tempo em tratados com o ministro de Sua Graciosa Majestade.

No dia 15 de setembro reabriu essa causa que para ali se chama parlamento — para-lamento e para-vergonha da nossa geração... E só me falta ver que haja deputados suficientemente estúpidos ou suficientemente perversos, para aprovarem um tratado que é, da primeira à ultima linha, um insulto aos nossos brios e à dignidade nacional.

Lord Salisbury parece redactor humorístico, do *Punch*, a julgar pela leitura do tratado e das causas cómicas que ali se tecem.

Nesse tratado Portugal aparece-me com um tipo iruâesco e ridículo, que o rapazão corre à pedra e à gargalhada em dias de entroido. Nós passamos a ser nesse infame papel, o ridículo da Europa. E os franceses que cantavam nos teatros de opereta — *Les portugais sont toujours gaies — devem cantar para o futuro — Les portugais sont toujours idiots!*...

O que eu desejaria vivamente era viver mais um dia do que ha de viver o sr. Hintze Ribeiro e o sr. Barjona de Freitas, só para saber o que os medicos hão de encontrar dentro da moleira d'estes estadistas, para ver se assim se poderá desculpar ou perdoar o tal tratado de 30 de agosto...

O que haverá lá dentro?... Como serão formadas aquelles cabeças, para poderem conceber um semelhante tratado, que mais parece um tratado passado entre ministros de opereta, fazendo piruetas no palco da Trindade?...

O que deveras me alegra nesse tratado, é ver proclamada a liberdade de cultos em todos os domínios portugueses de África, enquanto que nós portugueses continuamos na metrópole sob o regimen da religião d'Estado, que é a católica, apostólica, romana...

Quer dizer — um natural de Chilumba ou de Inhambu, apesar da selvagem, apesar da tanga, da flecha e da carapinha fedorenta, é considerado pelo governo de S. M. el-rei o sr. D. Carlos I como digno de godara da inteira e absoluta liberdade de consciência sem ter que temer as fúrias do Vaticano.

E um pacífico morador de Lisboa e Porto, que faz parte da categoria dos europeus por muitos e claros motivos, sendo alguns d'elles ter em vez de tanga um guarda-pô, em vez de flecha um guarda-chuva, e em vez de carapinha fedorenta uma cabelleira trabalhada a bandolina e óleo de macassá, — esse pacífico morador é obrigado a servir-se para uso interno, unicamente da Catholica apostólica. E se por acaso ouça recalcitar, e se ouça preferir à medicina espiritual de Roma a da Egreja protestante, ou da Egreja buddhica, esse mortal português perde imediatamente os seus direitos políticos e sofre va-

rias penas, todas consignadas no código penal do sr. Lopo Vaz, hoje em vigor...

O sr. Hintze Ribeiro, por intermedio do tratado, declara-nos ás fuce do universo, inferiores a quaequer machonás ou-matabelicas.

Esses machonás e outros matabelicas podem, para seu uso privado, escolher a religião que mais lhes convier, erigir templos a todos os deuses que tem comércio de fé por grosso e a retâlho, isto sob a aprovação e a protecção do governo de Sua Magestade Fidelíssima.

Os portuguezes, esses, não podem ser se não católicos-apostólicos-romanos; e se alguma d'elles se atreva a pregar doutrinas contrárias ao espírito de Roma, e a erigir templos a outro Deus que não seja o dos cristãos, — o menos que lhe sucede é ir para a cadeia, ver os seus bens confiscados, os templos arrazados, e o Deus invicto queimado em praça publica...

E tudo isto é obra do sr. Hintze Ribeiro e não do sr. Barjona de Freitas.

Que o sr. Barjona era um homem divertidíssimo, amigo da opereta e da opera-buffa, já eu sabia há muito. Mas que o sr. Hintze — o homem que não ri — também faça parte da confraria, é o que me deixou profundamente assombrado...

Um ralo d'eo não era capaz de me deixar tão assombrado como a leitura do tal tratado anglo-português!

Uma outra parte engracadíssima desse papelucho hintiziano e salysburino, é a que se refere à promiscuidade de relações commerciales e marítimas entre as possessões portuguezas e as possessões inglesas...

A Inglaterra poderá transitar e negociar à vontade em todos os nossos domínios da África oriental, bem como da occidental. E Portugal poderá fazer o mesmo no que diz respeito às possessões inglesas.

Do modo que um paiz que difficilmente explora o que possue, passa a ser invadido por um paiz poderosissimo em capitais, em braços e em industria, que lhe ha de fazer uma concurença terrível e esmagadora, e dá-se-lhe em compensação a liberdade de ir fazer commercio e navegação nas possessões d'aquele paiz co n o qual nenhuma potencia marítima e colonial é capaz de concorrer!

Appliquemos a mesma theory aos mesmos paizes, em plena Europa. Imaginem Portugal assignando com a Inglaterra um tratado por meio do qual abre os seus rios, os seus portos, todas as suas vias de comunicação à Grã-Bretanha. E em compensação, a Grã-Bretanha abre os seus rios, os seus portos, todas as suas vias de comunicação, à marinha, ao commercio e à industria de Portugal...

Que aconteceria?... Que seríamos absorvidos pela Inglaterra em menos d'um anno. E o que nos vai suceder fatalmente em África?

Nunca ninguém alienou os seus bens por um mudo tão estúpido e tão ridículo. Não só somos astios, mas ainda por cima somos cómicos. Lord Salisbury acaba de nos mostrar à Europa como um povo sem a menor compreensão dos seus haveres, como um povo idiota, incapaz de qualquer revolta, de qualquer iniciativa, de qualquer vislumbre de bom-senso. Lord Salisbury é o homem do realejo, sobre cujo instrumento faz esgares e piruetas o macaquinho Portugal. E os Estados europeus rie e aplaudam semelhante espetáculo.

O que me parece ingratidão é nós, portuguezes, depois d'um tal diploma de incapacidade, estupidez e indiferentismo colonial que acabam de nos passar os srs. Salisbury, Barjona de Freitas e Hintze Ribeiro, não pensarmos no modo pratico de provar a nossa gratidão a estas excellências.

Eu lembro-me a conveniencia de se erigir

uma estatua no alto da Avenida a estes trez senhores. Seria o monumento das trez Gracás diplomáticas. Todos trez nus, reunidos por um cordeal amplexo, como se vê no famoso grupo que apparece em todos os museus de escultura.

O que é indispensavel é que fiquem nus, no marmore do reconhecimento nacional. Ao menos sempre aparecerá algum excentrico portuguêz que passe a açoitá-los em pedra, pois que a polícia não permite que os açõtemos em carne e osso...

E assim continuaremos a mais vergonhosa existencia, á mercê da Inglaterra, ate o dia em que ella se lembre de ocupar Lisboa e Porto, e de nos expulsar d'aqui para fóra; á bala, como ella expulsa das suas possessões d'Africa os indigenas com quem não sympathiza.

E assim continuaremos a mais vergonhosa existencia politica, graças á onda sempre crescente das insignificancias que invadem S. Bento.

Nem já sei a que mais se ha de baixar! Somos um povo de incisferentes e de ignorantes, governados por toda a casta de traficantes politicos, sem brios e sem ideias.

Lisboa dá-me a impressão d'uma capital do paiz do Egoísmo, onde ninguem se move senão pelos seus interesses ou pela sua vaidade, onde ninguem sacrifica um minuto da sua existencia nem 1 por cento dos seus rendimentos por uma ideia nobre e generosa...

Ninguem se importa! Ninguem está para massadas! — « O inglez leva-nos a África? Pois que a leve, com mil diabos, e que nos deixe em paz! »

« Afinal que nos serve a África?... Nós n'a queremos ir para lá. O que nós queremos é entrar para a burocacia, sermos directores geraes, irmos no inverno a S. Carlos, irmos de verão a Cintra e a Cascaes, e cuidados leve-os o dia! »

« O essencial é que não venha cá o cholera, nem que Lisboa seja bombardeada por alguma esquadra inglesa... Lá isso do cholera e do bombardeamento é que seria muito sério! Despesas com medico, com botica, o terror de morrer, e me r'has caíndo como granizo por cima das nossas cabeças... »

« Olha que espiga!... Antes o nosso socego, a nossa saude, o nosso lugarsinho no ministerio e na Camara, do que a posse de cinquenta Moçambiqueis!... »

Ora quando uma capital chega a um tal egoísmo e a um tal cynismo, só ha a fazer uma causa:

— Ou mina-a de dynamite e, zás, pelos ares;
— Ou cruzar os braços e curvar a cabeça.
Cada qual escolha o que mais lhe convier ao seu temperamento.

MARIANO PINA.

ANTHOLOGIA PORTUGUEZA

*Formoso Tejo meu, quão diferente
Te vejo e vi, me vés agora e viste;
Turvo te vejo a ti, tu a mim triste,
Claro te vi eu já, tu a mim contente.*

*A ti foi-te trocando a grossa enchente
A quem ten largo campo não resiste;
A mim trouxe-me a vista em que consiste
Meu viver contente ou descontente.*

*Já que somos no mal partícipantes,
Sejamol-os no bem; ah quem me dera
Que fossemos em tudo semelhantes.*

*Li virá então a fresca primavera
Tu tornáras a ser quem eras d'antes,
Eu não sei se serei quem d'antes era.*

CAMÕES.



AS NOSSAS GRAVURAS

PARIS ARTÍSTICO. — A SAÍDA DA ESCOLA DE BELLAS-ARTES.

O nosso elegante desenhador, Gorguet mostra-nos hoje um dos lados mais pitorescos do Paris artístico, — que é o da saída dos alunos e modelos da Escola de Bellas-Artes, do lado da rue Bonaparte.

Veem-se aqui reunidos os tipos mais curiosos do aristocrata parisiense, da grandiosas guedelhas, gravatas de grandes laços, chapéus de abu direita, calças espartilhadas, — tudo em tímido quanto distingue o tipo do rapin e do bohemio.

No meio dos estudantes destacam-se os modelos, as raparigas vestidas de nupofântas, genuínas italiunas do Batignolles, — como se dizem Paris.

Os nossos artistas e os alunos das nossas academias não devem ver com prazer esta página tão espirituosa de Gorguet. Uns, por que vão rever os bons tempos que passaram em França; outros, por que não de phantasiar o momento em que há de dar entrada no baríco latino, para estudar e também para se divertirem.

O JUBILEU DO REI DA BELGICA.

A partir do dia 21 de julho que tem havido em toda a Belgica e especialmente em Bruxelles grandes festas jubilares para solemnizar o vigessimo-quinto aniversário da chegada ao trono do rei Leopoldo II.

No dia 21 de julho começaram as festas por um solene Te Deum cantado na igreja de Sainte-Gudule, a que assistiu o rei e a rainha sentados num trono em frente do throne episcopal onde tinha tomado assento o cardeal de Malines.

Também houve a desfilada dum soberbo cortejo histórico do século XVI, em honra do 60º aniversário da proclamação da independência nacional. Este cortejo, organizado por artistas distinguidos e por muitas sociedades da cidade de Bruxelles, tinha uma phantasia imponentemente pitoresca, evocava a lembrança das luctas heróicas sustentadas pelo povo da Belgica para a conquista das liberdades que hoje possue.

Não tendo espaço para dar uma idéia desses festos, limitamo-nos a mostrar aos nossos leitores a physionomia do rei Leopoldo II e de sua esposa a rainha Maria Henriqueta.

O rei Leopoldo II é o grande amigo de Stanley e o organizador do famoso estado do Congo. Foielle que organizou a conferência anti-escravagista de Bruxelles, — e talvez que um dia com elle nos tempos de haver, se por acaso não houver alguma modificação no degrau que tratou que a Inglaterra nos impôz em 26 de agosto findo, e que o sr. Hintze Ribeiro assignou com uma respeitável veracidade pasmosa... para não dizer criminosa!...

CAMPO DE MARTE. — FONTES LUMINOSAS.

O Campo de Marte em Paris continua a guardar a mesma curiosa physionomia dos tempos áureos e platinados da Exposição Universal.

As festas sucedem-se todos os domingos; os jardins são invadidos pela população parisiense; a torre Eiffel ilumina todas as noites; e em noites de maior solemnidade surgem as fontes luminosas, as celebradas fontes luminosas que foram o esplendor de todos os visitantes à Exposição.

Nunca céimos aos nossos leitores uma impressão do aspecto dessas fontes com os jactos luminosos, ainda iluminados pelos feixes de luz eléctrica da torre Eiffel.

Mostramos hoje esse espetáculo verdadeiramente deslumbrante, e, recomenda-lhe a todos quantos forem a Paris. É uma noite bem passada, no Campo de Marte, em frente das fontes luminosas, ouvindo os sons das orquestras que tocam no i^o andar da torre de 300 metros.

BELLAS-ARTES — L'ACCORDÉE DE VILLAGE.

A nossa galeria artística encantadora hoje com uma das telas mais apreciadas e mais celebres do museu do Louvre.

O quadro de Greuze — *L'accordéon du village* — a que podemos chamar — As paixões na aldeia — é considerado como uma das obras-primas de pintura francesa no século XVIII.

E também o quadro que melhor resume no seu interessante e adorável conjunto a maneira de grande pintor de gênero, cujas composições tanto em dureza, como em riqueza, ingenuidade do desenho, pôs expressivo tão vigorosa das figuras, e nella felicissima disposição das grupos, que é um dos encantos de todas as obras de Greuze.

O quadro é reproduzido na madeira pelo notabilíssimo escultor Ch. Baude, aquecendo a Illustração de uma bela parte dos seus sucessos artísticos.

Estamos certos de que esta página vai adornar as salas de muitas das nossas leitoras, pois o assunto e a gravura são de molte a merecer tamanha distinção.

THEATROS DE PARIS.

As Pantomimas.

A pantomima que esteve tanto em moda no século XVIII em França surge de novo nos theatros de Paris com um sucesso sem precedentes.

Tivemos primeiramente as variadas scenes e comedias de Pierrot e Columbine. Agora varia-se de assumpto, e temos nos Bouffes-Purissons a pantomima do *Follet prodige*, que é a que damos em gravura, desenhada por Adrien Marie.

O filho prodigo, namorado d'uma deliciosa criatura que faz comércio d'amor; como lhe falte o dinheiro rouba-o da casa paterna; depois corre para os braços da bem amada, que mais tarde o prelece ao berço que tem mais fortuna que o apaixonado filho-familiar; e este, sem amado e sem dinheiro, volta para casa paterna, onde o pás lhe aplica uma d'estas sovres, que ainda são o melhor discurso da moral que se possa fazer a mancebos sem maior compreensão das coisas do mundo e do amor...

Tal é a pantomima, escrita por Michel Carré, com música de Wermser, e que hoje tanto sucesso obteve no theatro dos Bouffes.

MADAME ACKERMANN.

Madame Ackermann, a célebre poesia, que a partir de 1846 tanto impressionou o mundo literário com os seus livros tão originais e tão vigorosos, faleceu em Nice no dia 2 de agosto findo. □

Madame Ackermann nasceu em 1813. Iniciou-se muito cedo às obras-primas das literaturas estrangeiras. Residiu um anno em Berlim, em 1838, o que lhe permitiu estudar a fundo a literatura alemã, e donde voltou, como ella dizia, inteiramente germanizada.

Voltou a Berlim alguns annos mais tarde, casando ali. Associando-se com grande zelo aos trabalhos e estudos de seu marido, que era professor, tornou muito prestidicção pela philosophia e pôz de lado a poesia. Mas esta mudança não devia durar muito.

Viúva em 1846, retrousose para uma collina nas proximidades de Nice, e ali viviu num completa solidão, com o seu luto, as suas recordações e os seus livros.

Foi n'esta clausura que, durante vinte e quatro annos, amadureceram o seu pensamento e o seu talento; a sua erudição tornou-se considerável. As suas qualidades primordiais foram o vigor do pensamento e a eloquência da expressão. Os seus gritos são sempre viris; e na sua poesia não se encontra o suspirar elegíaco tão frequente na poesia feminina.

Castigou e enobreceu a forma dos seus versos nas poesias inspiradas da Antigüedad; e nas *Poésies philosophiques* entre em plena posse da sua originalidade.

Madame Ackermann publicou três notáveis volumes: *Contes et Poésies*; *Poésies philosophiques*; e *Pensées d'une solitaire*.

O retrato que publicamos da grande poesia é desílio ao pintor de Paul Merwart, um dos raros artistas diante dos quais madame Ackermann se decidiu um dia a posar. É um fragmento do quadro, que representa depois autor da *Pensées d'une solitaire*.



O HOMEM DAS MULTIDÕES

Bela

Seu grande desgosto de
não poder estar só.
(La Bruyère.)

DISSE-SE judiciosamente dum livro alemão: *Es lässt nicht lesen, — não se deixa ler.*

DISSE-SE Há segredos que não querem ser ditos. Alta noite morrem homens nos seus leitos, torcendo as mãos dos espéculos que os confessam, e fixando-os piedosamente nos olhos; — outros morrem com o desespero no coração e convulsões na garganta, em virtude do horror dos misterios que não querem ser revelados.

Algumas vezes também, a consciência humana suporta a carga d'um tão pesado horror, que só no tumulto pôde libertar-se d'ella.

Por esta fôrma, a essência do crime hei por explicar. Não há ainda muito tempo, pelo fim d'uma tarde de outono, estava eu sentado em frente da grande janela arqueada do café D., em Londres.

Estivera doente alguns meses, mas então estava convalescer te, e, como a fôrma me voltava, achava-me n'uma d'essas felizes disposições que são precursoras o contrário do aborrecimento, — disposições em que a tendéncia moral está maravilhosamente excitada, em que a belida que sobre a visão espiritual é arrancada, o M. é, não é — em que o espírito, como que eletrizado, ultrapassa tão prodigiosamente o poder ordinário, que a razão ardente e singela de Leibnitz o arrasta pela louça e frouxa rhetorica de Gorgias.

Respirar aponha, é uma alegria, e em acréscimo um prazer positivo de muitas origens verdadeiramente tristes.

Cade objecto inspirava-me um interesse soccioso, mais cheio de curiosidade.

De charuto na boca e um j'nal sobre os joelhos, divertia-me, durante a maior parte da tarde, ora a olhar atentamente os anúncios, ora a observar as pessoas de diversas condições que estavam no café, ora a olhar para a rua através dos vidros veludos pelo fumo.

Esta rua era uma das principais artérias da cidade, e estava todo o dia cheia de transeuntes.

Mas ao lusco fuscó, a multidão aumentava de minuto para minuto; e, depois de accesos todos os candeeiros, duas correntes de genie, passavam, compactas e continuas, idênticas da porta.

Eu nunca me vira ou me senti, n'uma situação semelhante áquelle em que me achava n'esse momento especial da noite, e o tumultuoso oceano de cabeças humanas produzia em mim uma delicia, comigo completamente nova.

Por fim, deixei de pensar a menor atenção para o que se passava no café, e absorvi-me na contemplação da scena da rua.

As minhas observações Homero imediatamente uma feição abstracta e generalizadora.

Olhava os transeuntes por massas, e o meu pensamento apenas os apercebia na sua ligação social.

Pouco depois, comudo, desci ao parcerio, e examinei com um interesse milionário as inúmeras diversidades de apparencia, de fôrma e de expressão physionómica.

O maior numero das pessoas que passavam,

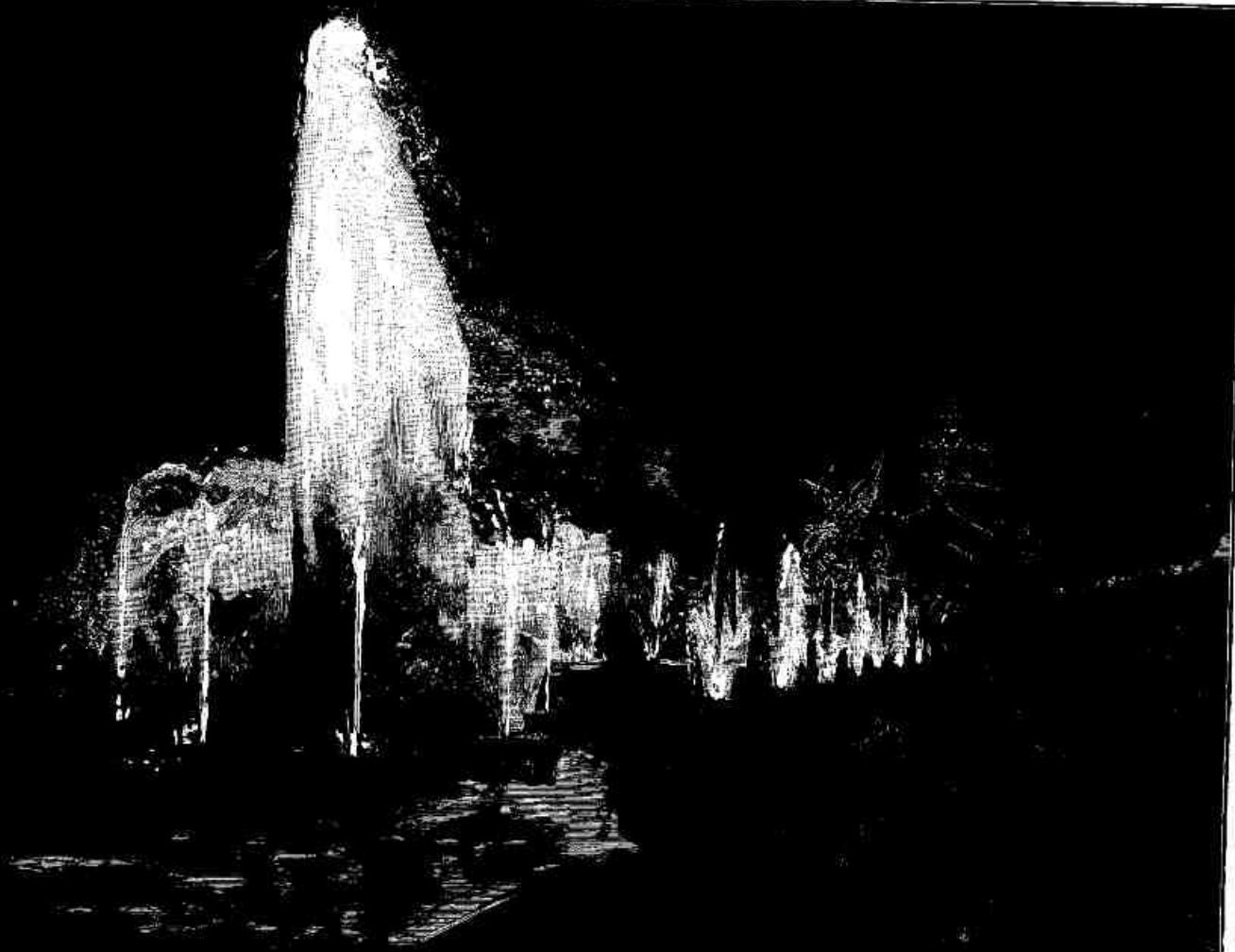


A RAINHA MARIA-HENRIQUETA.



O REI LEOPOLDO II.

O JUBILEU DE S. M. LEOPOLDO II, REI DA BELGICA.



NO CAMPO DE MARTE. — AINDA AS FONTES LUMINOSAS.

tinha o aspecto ordinário e natural da gente que trata de negócios, e apenas parecia ocupada em abrir caminho por entre a multidão.

Franziam as sobrancelhas e moviam os olhos com vivacidade; quando algum transeunte lhe dava um encontro, não apparentavam o menor symptom de impaciencia, mas compunham o fato e prosseguiam.

Outros, uma parte bastante numerosa ainda, tinham uns movimentos impacientes, as faces congesionadas, fallavam consigo mesmo e gestulavam, como se estivessem sóis, exactamente pela razão de os rodear uma grande multidão.

Quando eram interrompidos do seu caminho, esses homens cessavam repentinamente de resmungar, mas redobravam de gesticulação, e esperavam, com um sorriso distrabido e exagerado, que passassem as pessoas que os impediam de caminhar.

Se eram empurrados, comprimiamavam muito delicadamente as pessoas que os empurravam, parecendo confundidos por esse facto.

N'estas duas numerosas classes de homens, além do que acaba de notar, nada mais havia de bem característico.

Os fatos que vestiam, pertenciam a essa ordem que é precisamente definida pelo termo: *decente*.

Eram indubitablemente fidalgos, commercianos, fo accedentes, negociantes, — o ordinario banal da sociedade, — passantes indiferentes uns, outros activamente empenhados em negócios pessos, que tratavam sob a propria responsabilidade.

Não excitaram em mim grande attenção.

A classe dos caixeiros, saltava aos olhos, distinguindo-se n'ella duas divisões notáveis.

Havia os caixeiros das casas de modas, — mancebos apertados em sobrecasacos correctos, botas brilhantes, cabellos empomados, labios insolentes.

Pondo de parte um certo não sei que de dessembarço que havia nos seus modos, a que poderá chamar-se *genero panninho*, à mingua de melhor termo, estes individuos pareceram-me um exacto *fac-simile* do que fôra a perfeição da elegancia doce ou dezoito mezes antes.

Otentavam os primeiros de refugo da *gentry*; — e isto, a meu ver, implica a melhor definição d'esta classe.

Quanto à classe dos primeiros caixeiros de casas solidas, ou dos *steady old fellows*, era impossivel equivocar-me.

Reconheciam-se pelos casacos e calças pretas ou castanhos, d'um utilie commodo, pelas gravatas e colletes brancos, pelos largos sapatos de apparença solida, com meias fortes ou polainas.

Eram todos um tudo nuda calvô, e a orelha direita, habituada de ha muito a sustentar a caneta, contrahira um singular tic de separação.

Observei que elles tiravam ou punham sempre os chapéus com as duas mãos, e que usavam os religiosos presos a curtas correntes da curo, d'uma forma solida e antiga.

A sua affectação era a respeitabilidade, — se é que pode existir uma tão honrosa affectação.

Havia também grande numero de esses individuos de apparença agradavel, que reconheci facilmente pertencentes á classe dos gatunos da *alta roda* que infestam todas as grandes cidades.

Estudei curiosamente esta especie de *gentry*, e achei difficil de comprehendêr como podiam ser tomados por *gentlemen* pelos próprios *gentlemen*.

O exagero dos punhos, o ar de franqueza excessiva, deviam trahí-los à primeira vista.

Os jogadores de profissão, — e descobri um grande numero d'elles, — eram ainda mais facilmente reconhecíveis.

Vestiam toda a especie de fatos, desde o do perfeito *engajador*, jogador trapaceiro, de colte de velludo, gravata de fantasia, corrente de latão dourado, botões de filigrana, até ao fato clerical, tão escrupulosamente simples, que

nemhum outro é mais proprio a não fazer levantar suspeitas.

Comtudo, todos se distinguiam pela cor amarellenta e baça, pela obscuridade vaporosa do olhar, pela compressão e pallida dos labios.

Além d'isto havia dois outros indicios que apontavam com toda a precisão estes homens: — um tom baixo e reservado na conversação, e uma disposição mais que vulgar de estenderem o polgar ate fazer angulo recta com os mais dedos.

Muitas vezes, acompanhando estes tratantes, vi alguns homens que d'elles diferiam um pouco pelo aspecto; comtudo eram sempre aves de igual plumagem.

Podem definir-se assim: cavalheiros que vivem da sua habilidade.

Dividiam-se, para devorar o publico, em dois batallhões; o genero *dandy* e o genero militar.

Os caracteres principaes dos primeiros são: compridos cabellos e sorrisos constantes; os dos segundos, casacos compridos e frenzimento de sobrancelhas.

Descedendo a escada do que se chama *gentility*,achei assumtos que se prestavam á mais negra e profunda mediocria.

V vendedores ambulantes, judeus, com olhos brilhantes de falcão em physionomias que apenas indicavam abjecta humildade; insolentes mendigos de profissão empurrando pobres verdadeiros, os quais o desespero alentara para as sombras da noite para implorarem a caridade; invalidos fraquíssimos e semelhantes a espectros sobre os quais a morte poussaria a forte mão, e que coxavam e vacilavam por entre a multidão, olhando para toda a gente com olhar piedoso, como que implorando alguma consolação futura ou qualquer esperança perdida; modestas ruparigas que voltavam do seu prolongado labor para um quarto sombrio, e que recuavam, mais desconsoladas do que indignadas, ante os olhares libidinosos de insolentes de quem não podiam evitar o contacto directo; rameiras de toda a especie e de toda a edade, — a inconstestável beleza em toda a perfeição de feminidade, fazendo lembrar a estatua de Luciano, cujo exterior era de marmore de Paros e o interior cheio de lixo, — a leprosa, coberta de andradas, asquerosa e completamente gasta, — a velha bruxa, encarquilhada, pintada, coberta de joias, fazendo um ultimo esforço para apparer moçidade, — a creança, de formas ainda em embrião, mas já amoldada por uia longa aprendizagem ás horríveis garridices do seu commerçio, e devorada pela ambição de subir ao nível das suas irmãs mais velhas no vicio; bebedos inumeros e indiscritiveis, estes esfarrapados, cambaleantes, desarticulados, com o rosto macerado e o olhar amortecido, — aquelles com fatos que não indicavam muito uso, mas sujos, uma arrogancia, ligeiramente viciante, grossos labios sensuais, faces rubicundas e sinceras, — outros com fatos que em tempos tinham sido bons, e que ainda agora estavam escrupulosamente escovados, — homens que caminhavam com um passo mais firme e mais elastico que o natural, mas que tinham physionomias terrivelmente pallidas, os olhos atrozmente espantados e vermelhos, e que, caminhando a largos passos por entre a multidão, agarravam com os dedos tremulos todos os objectos que encontravam ao alcance; depois os vendedores de pasteis, os moços de recados, os carvoeiros, os limpachumines, tocadores de realejo, homens com macacos, vendedores e cantadores de coplas; operários esfarrapados e trabalhadores de toda a especie, extenuados pelo trabalho, — e todos cheios de uma actividade ruindosa e desordenada, que faiava os ouvidos pelas suas discordâncias e causava á vista uma sensação desagradável.

A medida que a noite avançava, o interesse da scena augmentava tambem para mim; porque não sómenta o character geral da multidão mudava — as scioções mais distincias desappareciam com a retida gradua da parte mais pacifica da

população, e as mais grosseiras eram postas mais vigorosamente em relevo, á medida quo o adeantado da hora fazia sahir cada especie de infamia do seu covil, — mas tambem a lux dos bicos de gaz, fraca pouco antes, quando lutava com a ultima claridade do dia, brillava agora mais, alumando tudo com raios scintilantes e agitados, — como o ebanio com que se comparou o estylo de Tertuliano.

Os extraordinarios effeitos da luz obrigaram-me a examinar o especie dos individuos; e, apezada rapidez com que aquella gente, banhada de luz, passava por deante de janella, me impedir de lançar mais de um olhar para cada rosto, parecendo-me, comtudo, que graças á singular disposição moral em que me encontrava, eu podia muito bem ler no curto intervallo de um olhar a historia de longos annos.

Com a fronte encostada á vidraça, estava assim entretido em examinar a multidão, quando repentinamente apareceu uma physionomia, — a d'um velho decrepito de sessenta e cinco a setenta annos, — uma physionomia que imediatamente prendeu e absorveu toda a minha attenção, em virtude da absoluta idiosyncrasia da sua expressão.

Eu não virá ás entâo nala que se assemelhasse a essa expressão, mesmo n'um grau muito afastado.

Lembre-me bem que o meu primeiro pensamento, ao ver aquelle homem, foi que Retzch, se o tivesse contemplado, o teria seguramente preferido ás liguras em que tentou encar o demônio.

Como me esforçasse, no curto instante do meu primeiro olhar, por formar uma analyse qualquer do sentimento geral que se communica ao meu sér, senti elevar-se confusamente e paradoxalmente no meu espírito as ideias de vasta inteligencia, de circumscripção, de avareza, de concupiscencia, de sangue frio, de maladade, de sede sanguinaria, de triunfo, de alegria, de excessivo terror, de intenso e supremo desespero.

Senti-me singularmente excitado, sobressaltado e fascinado.

— Que extraordinaria historia, disse eu comigo mesmo, está escripta n'aquelle peito!

Apossou-se de mim o desejo ardente de não perder o homem de vista, de saber mais alguma coisa d'ele.

Vesti precipitadamente o *falseto*, peguei no chapéu e na bengala, e sahi para a rua, caminhando através a multidão na direcção que lhe viria tomar, porque o homem desapareceria já.

Com alguma dificuldade, consegui por fim descobri-lo; approximei-me d'ele, e segui-o de perto, mas, tomando as maximas precauções, por fôrma a não lhe atrahir a attenção.

Pude então examinar descansadamente o desconhecido.

Era de pequena estatura, muito magro e frágilissimo em apparença.

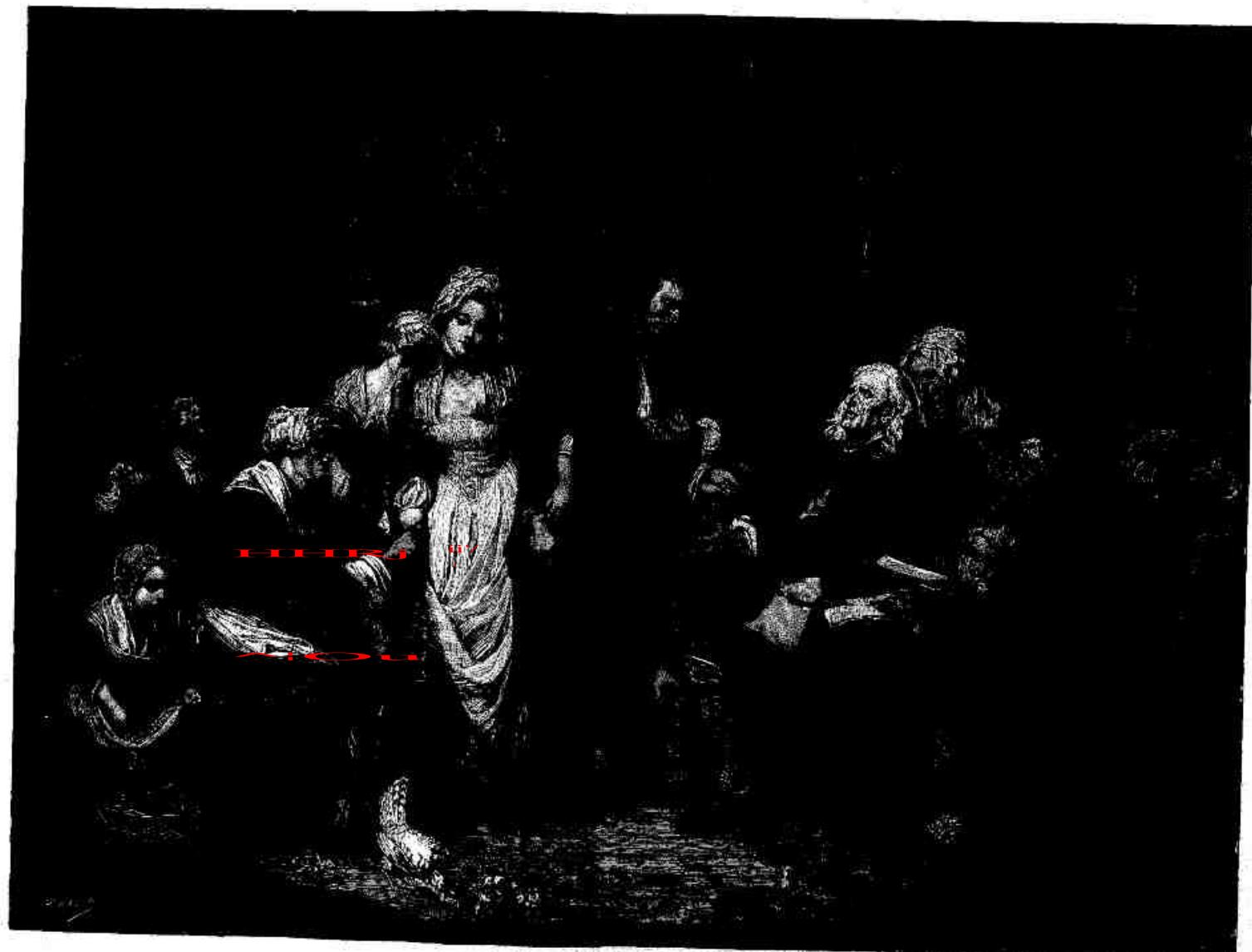
O fato que vestia estava sujo e rotado; mas, como passava, de minuto a minuto, sob a luz brillante dos candieiros, percebi que o tecido, apesar de sujo, era da melhor qualidade; e, se os meus olhos me não enganaram, pela abertura de um rasgo da capa, evidentemente comprida em segunda mão, em que elle estava cuidadosamente envolvido, entrevi o brilho de um diamante e d'um punhal.

Estas observações sobreexcitaram a minha curiosidade, fazendo com que resolvesse seguir o desconhecido por toda a parte para onde elle fosse.

Entretanto, anotecera completamente, e sobre a cidade espalhava-se um humido e denso noveiro, que bem depressa se transformou n'uma chuva miudinha e continua.

Esta mudanca de tempo produziu um effeito extraordinario na multidão, que apressou mais o passo, e se occultou sob uma quantidade enorme de chapões de chuva.

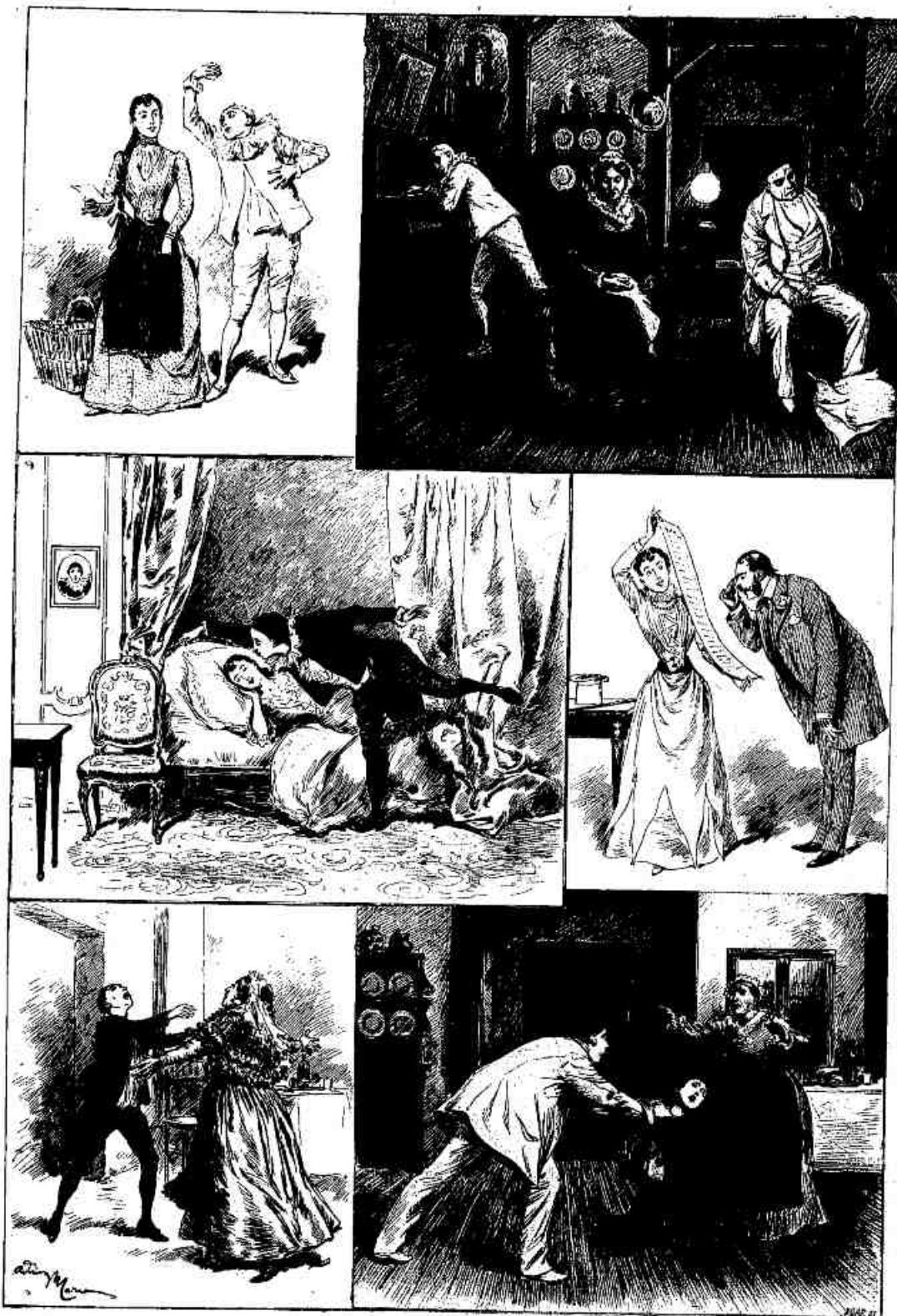
A ondulação, o acotovelamento, o zum-zum, augmentaram dez vezes mais.



BELLAS-ARTES. — L'ACCORDÉONISTE DE VILLAGE. — QUADRO DE GREUZE. — MUSEU DO LOUVRE.

Gravado de Ch. Baudot.

A. Ribeiro & Cia. — Rua da Consolação, 125.



1. — A declaração. — 2. O roubo. — 3. O sonho de Phrynette. — 4. Phrynette e o berilo. — 5. A vela. — 6. O perdão.

THEATROS DE PARIS. — UMA PANTOMIMA NO THEATRO DOS BOUFFES-PARISIENS.

A MODA PARISIENSE

Neste momento só se fala em banhos do mar. As estações balneares em França são de duas espécies. Hj primeiros as praias tranquilas, onde todos se divertem em família, repousando ao mesmo tempo das fadigas do inverno. Ali, nenhum cuidado com o luxo nem com a moda. As senhoras contentam-se com vestidos simples e comodados; por exemplo, o costume da flanelha branca ou de cós, chamado de banho do mar.

Depois, ha as praias mundanas, onde a charmosa vida *balnéaire*, com todos os seus caprichos e as suas alegriações se prolonga e se continua com um outro passeio de fundo — o mar. Antes do meio dia, vêem-se poucas senhoras na praia, e passada a meia noite a animação prossegue nos casinos e nas *victoria*.

As fantasias que se encontraram em Longchamps, no dia do *Grand-Prix*, tecem uma nova ocasião de se mostrarem ao sol; a elegância nas corridas de cavalos de Caenbourg, Deauville, é tão brilhante como nas corridas de Paris.

Eis o dia de luxo e moda d'uma das mais graciosas parisienses, n'este momento d'uma das mais lindas praias da Normandia:

I. — Desabilité Nîmes, em batista de China com de saténio, gola de Malines, fitas azul de mar.

2. — Vestido de manhã, gênero alfyate, saia de serge branca com quatro pregas, collete de piquô de fantasia, jaquette smoking fechando em baixo com duas botões, bandas de seda branca. Chapéu marinheiro de grandes abas em forma de zídas, e fitas encarnadas e brancas.

3. — Vestido em surah branco e coral, saia de mil pregas, com valenciennes na saia, corpete franzido sem gola, apanhado num corpinho de veludo coral, por tres alfinetes de brilhantes e rub's. As man-



gas muito apertadas em baixo e ligeiramente aliviadas em cima são feitas valenciennes e apertadas no punho por uma pulseira de veludo coral. Chapéu de palha de arroz garnecido de fenos e amorinhas.

4. — Toilette para jantar. Vestido em crepelina muave, o corpo ligado à saia de rendas de Bruges, a saia sobre uma outra de malha.

5. — Vestido de teatro de pekin verde-água garnecido com uma grande flor de myosotis e de rosas. Capota de flores cér de rosa e myosotis, enfeitada com veludos verdes.

Eis a prodigiosa nomenclatura, a rápidas traços. É um verdadeiro assalto a uma luta extraordinária de luxo. O ideal seria nunca vestir duas vezes o mesmo vestido, mas como é muito difícil, se não impossível de realizar, tem as elegantes de se contentar com um sentimento bastante variado, para dar a ilusão d'un renovação perpétuo.

Algumas senhoras, devemos dizer-lhes em seu abono, procuram resistir a este perigoso corrente, recusando-se a adoptar um gênero de voga igualmente ruinoso para a algibeira e para a saúde.

Agradar deve ser, sem contestação, o objectivo de todas as senhoras. E' o seu desígnio, e devem vestir-se o melhor possível, para porem em relevo os encantos com que a natureza as dotou. Mas d'ahi a vestirem-se como as bonecas, transformando-as em verdadeiros manequins para trapos, é muito, é mesmo de mais. Devemos resistir, e sabemos estar a clima d'estes excessivos caprichos da vaidade e do luxo.

O costume geralmente encontrado nas praias de França, é o chamado *bain-de-mare*: saia lisa de flanelha, fazena branca ou riscada de cós, camisa à vontade de surah ou de batiste fantasia, apertada por um largo cinto de couro, fechado com muitas fielas.

Muitas meninas trazem a camisa de homem sem collete, seja com o cinto de que acabo

de falar, seja com esta outra novidade que é o cinto de seda de duas cores, bastante largo, e fechado por uma serpente de prata. Ainda que pouco *habile*, este costume tola-se; mas os homens assim vestidos, sem collete, tecem um ar pouco correcto. Contudo, como é muito quente, o que é uma vantagem, é provável que esta moda se mantenha; mas não é muito bonito.

Entre os prazeres do mar, o *yachting* toma cada anno um maior desenvolvimento. Pretexto para uma nova férme de toilette... Ha costumes diferentes; e conforme se é proprietário de yacht ou satisfeita convidada o costume varia, no tocante a insignias.

Generalmente é de serge branca ou azul (o azul é mais solido), a saia é lisa e curta, o corpo em jersey de seda com o nome do barco escrito em colar em volta da pescoço, ou as armas à esquerda; bordado a ouro; jaquette com bandas nas quais estão bordadas as estrelas, ou a coroa se é titular. Se não é a rainha do barco, só se trazem estrelas ou trez ancores minusculas.

O costume almirante, para toilette de jantar a bordo d'um yacht, tem grande sucesso. Exemplo: Saia azul, garnecido em baixo com uma banda de seda branca agalhada d'ouro; collete moiré branco com botões-ninhos dourados; smoking azul com bandas brancas sobre as quais se vê bordada a coroa, quando se é titular; bonnet branco agalhado d'ouro.

A jaquette de fazenda grossa de marinheiro, com dois renques de botões, também se usa para mais simplicidade.

Eis as principais modas da praia em França. Perdoe-me — o país e marido de Portugal! — estas punhaladas nas nossas bolas...

Bem sei que a Moda é cruel. Mas para que as nossas filhas sejam irresistíveis e o encanto das nossas mulheres nos deslumbre, é preciso curvar a cabeça — e pagar...

MARIE DE CAMOS.



A ILLUSTRAÇÃO

cões não são outra coisa mais que um depenador de perus para os banquetes nupciais.

O leitor vê ouvir em poucas palavras a encantada história da perua, que deu origem a esta locução popular, que já figura em um ou outro dicionário da língua espanhola.

Passou-se o caso há muito tempo, em sítio indeterminado, como nas mágicas, mas no território do reino vizinho. A tia Rosário e o tio Paco são dois aldeões honrados, senhores d'uns palmos de terra que amanhã, e d'uma filha de dezoito anos que adoram. Joaquina, uma rapariga talhada pelo molde das heroínas de tremor bucal, ou antes sán as virgens do tremor talhadas pelo molde de Joaquina. Viva, corada, de mão fina e pé pequeno como o das senhoritas da Andaluzia, era o enlevo dos rapazes da terra, e a inveja das raparigas da mesma edade.

Illuminavam aquella formosura sadia e robusta um par de olhos tão negros como não havia outros em quatro leguas de circunferência; mas o que n'ela prendia mais que os olhos era a graça e a vivacidade do espírito. Lidava sempre, desde o romper do dia até ao bater das trindades, sem se cansar, alegre sempre, cantando seguidilhas de propria composição, que os rapazes decoravam e cantavam ás horas do trabalho, e á noite dançando ao pé da fonte ou sentados à lareira. Era um gosto vel-a a correr logo de manhãzinha, de casa para o quintal, e do quintal para casa, a cuidar das gallinhas, e dos pães; a deltar o milho a umas e a aquecer o cafésinho para os outros; depois a cortar a hortaliça para o jantar, e a varrer a casa, e a sacudir o pó, e a trepar-se ás cadeiras para lavar os vidros. Era uma joia no concelho universal, formosa sem senão, tesouro para um marido fúvoro, estrela para os solteiros de então.

E não tem namorado, Joaquina, diziam todos com admiração. Desdenhosa, chamavam-lhe as raparigas da aldeia; soberba, porque tem uma cinturinha airosa, porque todos lhe chamam bonita, já pensa que ninguém a merece. Se os rapazes não fossem tolos, se deixassem de andar do bocca aberta em roda d'ella, já o caso mudaria de figura. Pôdem-n'a com mimos; parece que não na terra outros olhos negros, nem outros pés que se possam fechar na mão d'um homem. Naturalmente é princípio encantado que ella espera de algures; enquanto elle não vier, não teremos bodas em casa do tio Paco. O peior é que o noivo tarda, e quem sofre são as outras, as que não querem ficar para tiás. Enquanto aquella mão não tiver dono, não ha quem deite olhos de amor para vinte mãos direitas que já parecem esquerdas.

E assim era. A' noite reuniam-se os rapazes em casa do tio Paco, havia raparigas também, e bonitas e com graça, mas todas as atenções eram para Joaquina, para Joaquina as quadras que se improvisavam, as flores e os requebros, tudo, tudo para a Joaquina. Às vezes, quando não havia dança, e quando Joaquina não animava a conversação, ficavam aquelles infelizes parali mudos e tristes como se estivessem n'uma visita de pesames.

Joaquina não era valiosa como as outras lhe chamavam. Não sonhava com príncipes encantados, nem sequer pensava nos senhoritos da cidade. O que queria era um marido vivo e alegre como ella, e não achava entre os pretendentes um só que lhe agradasse; todos lhe pareciam bissonhos. Também os pobres, ainda que Deus lhe tivesse dado alguma graça, ficavam tão estupidos quando se chegavam a ella, que não diziam senão disparates. E é que já não havia remedio; os rapazes chegaram a perder a coragem, e se elles não tinham confiança em si, Joaquina por sua parte não tinha confiança n'elles. A mulher tem o instinto de conhecer o valor com que os pretendentes se lhe approximam. Mal comparado, é como as feras em presença do seu domador; se este as fita de olhar firme, agacham-se; se elle vacilla, saltam-lhe elles ao pes-

coco. Os rapazes tremiam, Joaquina humilhavam. Eram insignificantes, e para o amor não ha peior titulo que o de insignificante; antes ser mau. A mulher pode ter a vindade de querer regenerar os maus, mas o que não tem é o capricho de elevar os tolos.

Um dia chegou á terra um aldeão para estabelecer-se ali, em consequencia da herança que teve d'um tio padre que lhe deixara uma boa lavoura. Este aldeão tem vinte e cinco annos, não é mais rico nem mais guapo que duas duzentas d'elles nascidas na terra, adoradores infelizes de Joaquina, mas tem a vantagem sobre todos elles de ser novo ali. O recente-chegado chega com a audacia da juventude, e como não tem o hábito de tremer ao olhar da raiz da aldeia, fulta-lhe de igual para igual, não baixa os olhos quando lhe fala, canta-lhe com voz firme as malenguenhas que lhe dedica, e se um dos dois cóns não é elle. Os aldeões conhecem desde logo que o rival é perigoso, e se não têm valor quando não havia annuncios de guerra, o que farão agora com o inimigo á vista? Vão-se retirando covardemente; hoje um, amanhã dois, e por fim todos.

Uma vez, depois do jantar, diz Joaquina á mãe:

— Ah! *madre mia*, não sei o que tenho.

— Fez-te mal o *gasparche*, hija de mi alma?

— Não sei o que é; a modo que sinto uma coisa nova em mim.

— Uma coisa nova em ti! Falla, Joaquina, que me dás medo.

— Descansa, mulher, sinto coisa nova, mas não é má.

— Não te explicarás, rapariga?

— Conheço que isto vai levar volta e grande; Pepe é o diabo.

— Pepe! Que me contas? Tão bom rapaz, com tanta graça!

— Pois ahí esti o peior da musica; a graça d'elle é que m'e traz a cabeça á roda.

— Entendo... Com que...

— Bastu de contos, *madre mia*, se te não digo tudo, dou um estoiro que espanta a povoação. A gente não anda n'este mundo senão para se casar, tudo o mais são frioleiras. Tenho dezoito annos, Pepe tem vinte e cinco, o que tem de ser seja.

O tio Paco foi informado do caso, ajusta-se o casamento, prepara-se o enxoval...

Duas semanas antes do dia marcado para a cerimónia na igreja, era um domingo de festa em casa do tio Paco. Havia chegado dois compadres que se demorariam quinze dias na aldeia para assistirem as festas do matrimónio. N'esse domingo de chegada era preciso dar-se-lhes um jantar succulento. A tia Rosário andava n'uma azafama, e não lhe chegava o tempo para tanto que tinha a fuzer. As horas não corrían, voavam, e tudo estava ás costas da pobre velha. O marido andava pela aldeia a entreter os compadres, e Joaquina não tinha a actividade dos outros tempos. Pepe estava sentado á porta da casa improvisou lo quadras ao som da guitarra, e quanto à noiva não havia forças humanas que a arrancassem d'aquella porta.

Deram onze horas e tudo estava em principio. Como se podia jantar ás duas, se ainda a perua, um gordo e soberbo animal, estava por depender sobre a mesa?

— Onde estás, Joaquina?

— *Madre mia*, que me queres?

— Bastu de amores, por agora; não fazes nada, vê se me ajudas; que dirá teu pae se o jantar não está pronto á hora marcada!

— Que precisas, *madre mia*?

— Vê se me depennas n'um momento aquella perua.

— Sim, *madre mia*, mas eu só não darei conta da obra em menos d'uma hora; tenho lá força para arrancar as pennas ao bruto em menos tempo!

— Se ella é tão tenra, e tão nova.

— Já não me fio em perus novas; uma hora pelo menos, se não ha alguém que me ajude.

— Quem queres tu que te ajude? eu d'aqui não me posso arredar.

— Está ali Pepe, que não tem nada que fu-

— Pois sim, atirem-se os dois á perua, mas não se demorem, que ha mais que fuxer.

Pepe larga a guitarra e pega no animal pelas pernas; os noivos vão para o quintal, e debaixo d'uma parreira, que dá sombra, sentam-se no chão em frente um do outro,

Era um dia de primavera dos mais formosos que Deus tom mostrado a este mundo; os passarinhos cantavam nas arvores um canto de amorsa alegria; as pés dos noivos corria a agua da fonte; os jasmims perfumavam o ambiente. Tudo fallava no coração, menos a perua que fallava ao estomago. Os noivos olharam-se d'um olhar profundo e estiveram assim silenciosos n'um extasi de ternura que os fez cötar aos dois. Pepe largou a perua para apartar as mãosinhos de Joaquina; depois fularam em voz sumida, repercutiram os protestos do seu amor eterno, e comunicaram as esperanças que lhes enchiham as almas.

Eram ouze e meia, e ainda Pepe não havia largado as mãos de Joaquina para as deitar ás penas da perua.

— *Muchachos!* grita a tia Rosario da janel'a, vem isso ou não vem?

A esta voz despertaram os noivos do sonhar acordado em que se achavam.

— *Madre mia*, responde Joaquina, ainda não está depennada; bem dizia eu que a obra não era para um só.

— Vejam se acabam, não tarda ahí seu pae.

Ao p'garem os dois na perua, e ao baixar Joaquina a cabeça, quiz o acaso que os cabellos da noiva roçassem pelos labios de Pepe. Quem estivesse a pouca distancia ouviria talvez um beijo sobre aquelles cabellos tão negros como os olhos d'ella, e a perua que já ia no ar, caiu por falta de mãos que a sustivessem. Novos momentos de ternura, novos extases de amor, e o devanear de duas phantasias com esquecimento do animal empennado.

De meio dia, sóia uma hora, entraram os tres compadres em casa, e tio Paco pergunta se o jantar vai em bom caminho. Rosario já se havia esquecido dos rapazes e da perua.

— Santo Deus! exclama ella; e a perua que ainda não está a coser!

— Que dizes, mulher? ainda a perua não está a coser?

— Se aquelles *muchachos* ha uma hora que saíram para a depennar, e nem novas nem mandados.

— *Muchachos*, grita Paco, e a perua?

Despertaram outra vez os noivos.

— Padre mia, responde Joaquina, estamos aqui a derriçar por ella, e não ha sacar-lhe uma pena; se a maldita tem os canos tão duror...

A's duas horas ainda o animal tinha todas as pennas com que soltara o derradeiro suspiro, Que fazer! Jantar sem perua; não havia mais remedio. A' mesa, depois do mansanilha, veiu o caso á discussão.

— Esti visto, diz um dos compadres, se queremos perua para as bodas, será preciso que os muchachos principem já a depennar-a.

Sobe o sangue á cara dos noivos, trocam entre si um olhar de ternura, e não dizem nada para os compadres, mas para elles disseram em silêncio :

— Esta perua não vai inteira á panela, na memoria dos dois resurge e vive.

— Depois d'este cas, que, como disse, se passou ha muito, imagine o leitor quantas perus não tem sido depennadas na superficie da terra, no campo, nas salas, da rua para a janel'a, de um telhado para outro telhado!

E' preciso passar algum tempo em Hespanha para se ser o que é *pelar bien la puya*, bá ve-

COMO O BRONZE...

Sim, ha certas reputações como o bronze, que coisa nenhuma pode ultrapassar. Assim como os antigos tempos antigos, elas resistem a todos os esforços, porque não se sabem destruir uma celestade brilhantemente justificada desde séculos e é isto o que causa o contínuo sucesso do maravilhoso Elixir dentifício dos RR. PP. Benedictinos da Abadia de Scoulac, cuja moda consagrou o uso e que figura hoje sobre todas as mezas de toilette.

Desconham portanto, elegantes leitores, dessas falsificações cujos efeitos seriam desastrosos e que comprometeriam a alvura e solidez das vossas dentes, a frescura e firmeza das vossas gengivas e também a pureza do vosso halito, que as conservam sempre o incomparável Elixir Dentifício dos RR. PP. Benedictinos da Abadia de Scoulac.

Agente geral: A. SEGUIN, Dourador.

Pregó da venda em França. Elixir: 2, 4, 8, 12 e 20 fr.

Pregó da venda em França. Pés: 1,25 e 2 fr.

Pregó da venda em França. Pato: 1,25 e 2 fr.

Encontra-se em todos os Perfumistas, Cabeleireiros, Pharmacuticos, Droguistas, Retirozios, etc.



Ind. e fabricação de instrumentos musicais de alta qualidade. Sist. de estroboscópios, óculos de teatro, óculos de realidade, óculos de visão absoluta, óculos de realidade absoluta, óculos de visão absoluta.

"L'INCOMPARABLE" LAMPADA ALGIREIRA
MARAVILHOSA PROVENÇAL. Muito prática, bela, lata, e não ocupando muito espaço do que um candelabro. MARTEAU, 19, Rue d'Englinon, PARIS

O PHOTOSPHERO

Breveté



A fotografá-lo no PHOTOSPHERO, tirado pratico de fotografia instantânea, 4 provas fora de teste. Marca-se francamente 11. 10 milhas de correio ou selos.

CONSTIPAÇÕES, BRONCHITES

Instituição do Peito e da Garganta
Contém ópico atópico, a PASTA PEITORAL e o XAROPE do NAFÉ de DELANGENIERE, de PARIS, possuindo uma effeitação infalível verificada pelos Membros da Academia de Medicina de França. Não contém opio nem tão pouco saca de opio taes como Morfina ou Codeína, esses produtos inúteis e com opíaco exíto e segundário.

Depósitos per Pharmacia da Mundo Inteiro.

Mudança de Domicilio

PERFUMARIA-ORIZA

L. LEGRAND, de PARIS

11, Place de la Madeleine, (antes 207, Rue St-Honoré) PARIS

PRODUCTOS RECOMMENDADOS

SABONETE ORIZA MACIO
CREME-ORIZA
ORIZA-LICTEO
ORIZA-OLEO
ORIZA-TONICA

Orizalina, União instantânea.
ESS-ORIZA, óleo espartano.
ORIZA-JAY, agua de louvor.
ORIZA-POWER, pô de arecas
ORIZA-VELOUTE.

Última Novidade
Produtos especiais Da VIOLETA do CEZAR
ESS-ORIZA SOLIDIFICADO, de base de fórmula de Lapis e Passiflora de 12 Cheiros.
A variação em todos os cabotieiros e casas de Perfumaria.

CAUTELA: COM AS CONTINUAZINHAS

Casa de Vertus Sacras

Espartilhos

PARIS * 12, Rue Auber, 12 * PARIS



Esta casa, a primeira de Paris pelo seu bom gosto e elegância recomenda-se pela forma especial dos seus espartilhos aperfeiçoados para a moda actual.

Basta enviar as medidas exactas para receber d'esta casa um espartilho em perfeita harmonia com as formas da pessoa a quem é destinado.



OLEO DE HOGG

DE FIADO FRESCO DE BACALHAU

NATURAL MEDICINAL

Raccolto desde 40 ANNOS, em França, Inglaterra, Hispaniola, Portugal, Bonali, Repúblicas Hispano-Americanas, países primitivos medicos de mundo, contra as Malásias da Peixe, Tâxas, Criancas franzinhas, Tumores, Irruções da Pele, Passadas francesas, Flores-brancas, etc. O Oleo de Bacalhau de HOGG é o mais rico em principios activos.

Tenha sempre os frascos TRIANGULARES.

Entra-se à direita à Estrela, no Rio de Janeiro, no Estado de França.

Quinto Proprietário: 10003,2, rue Castiglioni, PARIS

E EM TODAS AS PHARMACIAS

EXPOSITION UNIÃO 1878

Medalla de ouro - Grande Prêmio - LES PLUS HAUTES RÉCOMPENSES

OLEO DE OUNA

DE FABRICA E. COUDRAY

ESPECIALMENTE PREPARADA PARA A FRANCA DO COTOLHO

Recomendamos este produto, considerado pelas celebridades medicas, pelos seus principios de queima, como os mais poderos regeneradores que conhecemos.

ARTIGOS RECOMMENDADOS

PERFUMARIA DE LACTINA

Recomendamos para Célebres Nidias, GOTAS CONCENTRADAS para o lenço, AGUA DIVINA dita agua de saude.

ESTES ARTIGOS ACHAM-SE NA FABRICA PARIS 13, rue d'Englinon, 13 PARIS
Depósitos em todas as Perfumarias, Pharmacias e Cabeleireiros da America.



ESPARTILHOS

LÉOTY

adoptados pelo

high-life

parisiense.

8, P. de la Madeleine
PARIS

Em todos os Perfumistas e Cabeleireiros
de França e do Exterior.

A VELOUTINE
Pô d'Algodão especial
PREPARADO COM INSUMO
Por CH. PAY, Perfumista
5, rue de la Paix, PARIS



BROMMUTICO ALPININHO BOILLE

contra dispepsia, flatulências, gastralgias, eridez,

GRÃOS de BROMHYDRATO de QUININA BOILLE

contra neuralgias, crises, febres, enxaquecas, Gripe, etc., 14, r. Bessières, PARIS, e Paris.

zes pelos modos mais extravagantes. Alguns encontrei eu de noite, nos sitios menos transitados, estendidos na rua de boca para baixo, fallando de namoradas pelas gatereiras; imagine-se em que posição estariam elas também!

Gloria, pois, nos primeiros
novos que ensinaram ao mun-
do como se depende uma pe-
rrix quando ella tem os canos
duros.

Baino de Roussado

O ARITHMOGRAPHO

Chamamos a atenção dos nossos leitores para o novo **Arithmograph** de M. Froncet, que acaba de aparecer na *Maison Larousse*.

Debaixo da forma d'uma cadeira de algibeira muito elegante, este pequeno calculador mecanico efectua as quatro operações, adição, subtração, multiplicação, divisão, até dez milhões.

Por meio d'um lapiz especial de dois bicos podese escrever á vontade sobre as paginas cor de ardosso da caderneiu ou fazer deslizar as regous moveis que effeci tuam como por encanto os calculos expostos.

As pessoas que tem pouca prática, operam com uma rapidez espantosa sobre o Arithmographo.



Madame AckermannNj, fallecida en Niza no dia 2 de agosto.

**LA
SCIENCE AMUSANTE**

Par TOM-TIT

105 Gravuras sobre madeira,
100 Experiências e Recreações
científicas que podem facil-
mente ser reproduzidas em fa-
mília, sem apparelhos, por
meio de objectos que qualquer
tem á mão.

Lum bello volume in-8.^o com cerca de 500 paginas.

Preggo : brochado ... 3 fr.
Encadernado, com as
folhas rasgadas ... 4 fr.

~~Tollas jaspeadas~~ 4 fr.
Encadernado, com as

Encadernado, com as folhas douradas 4 f.50

Digitized by srujanika@gmail.com

Livraria LAROPESSE, 15, 17 e 19, rue Montparnasse, Paris 6, em todos os horários



LAROUSSE
GRANDE DICTIONARIO UNIVERSAL

O mais vasto dos encyclopedicos

Occupando lugar numa biblioteca de mais de 1200 volumes*

[Brands](#) | [Logos](#) | [Sitemap](#)

0.2. SUBSIDIARIO de "Casa del Libro". — 1000 páginas. — 17 x 25 cm. — 12500 francos. — 45000 francos. — 17 x 25 cm. — 12500 francos. — 45000 francos.

Un gran volumen de 8.000 páginas

GUERLAIN DE PARIS
15 FRS. 40 LA PALE. — ARTICLES RECOMMENDADOS

Agua de Colonia Imperial.— *Sopocetti*, sabonete de toucador. — *Creme Jacobine (ambrosie Cream)* para banhos. — *Crema Morango* para amaciá-la pele. — Pó da *Cypri* para branquear a cutis. — *Stile di Bacco* para lavar o cabelo e barba. — **Aqua Altheense** e agua *Lavatice* para perfumar e limpar a cabeça. — **Maria Christina** para lavar a pele. — *Romance de Ofélia*. — *Melitropé* branco. — *Eugenio de París*. — **Imperial Huas**. — *Invictus* para banho. — *Parfum à la Fée*, para o banho. — **Aqua de Colonia Imperial Buzia**. — **Aqua de Cidra** a agua de Chávena ou Cidre.

ASTHMA E CATARRHO
ESTHMA CATARRHO
Curados COM OS CIGARROS ESPÍCIAIS
COM OS CIGARROS ESPÍCIAIS
Cigarras de Fármacos de Portugal e da Beira — FAMA, Vene por favor,
R. Boticário, 25-27-29. — FAMA, Vene por favor,
R. Boticário, 25-27-29.

FERRO QUENTE - O FERRO QUENTE é um fuso appreendido por Academia dos Engenheiros da União Industrial de São Paulo, e que é fabricado por **Medicioneira da Parte**, que é uma das mais antigas e famosas fábricas de ferro fundido do Brasil, e que fazem parte da **UNIÃO DE FABRICANTES**, 14, Rua Beira-Arte, Paris.

A PASTA EPILATORIA DUSSE